

Um guardião da Justiça

NELSON MISSIAS DE MORAIS

Desembargador, presidente do Tribunal de Justiça de MG

Pode parecer lugar comum dizer que a perda de determinada pessoa é irreparável, mas há situações em que esta expressão é insubstituível. É o que ocorre agora, quando queremos nos manifestar sobre a morte do professor Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza, ocorrida no último dia 21.

Jurista, professor, gestor, editor, articulista, em todas as suas atividades ele assumiu dois temas como centrais: a justiça e a fraternidade, a boa convivência entre as pessoas.

Durante mais de 40 anos, ele se dedicou ao Poder Judiciário, exercendo as mais variadas funções, seja junto ao Tribunal de Justiça, como diretor-geral, seja na Escola Judicial Edesio Fernandes (Ejef), na qual contribuiu, decisivamente, para a formação de inúmeros magistrados e servidores.

Como docente, trabalhou, também, na Faculdade de Direito Milton Campos, na qual foi agraciado com o título de professor emérito, na Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, além de ter sido diretor-ad-

junto da Escola Nacional da Magistratura. Foi, ainda, assessor judiciário da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo dirigido projetos de normas judiciárias para o Timor-Leste.

Autor de diversos artigos e livros jurídicos, foi editor-adjunto da Del Rey, uma das mais expressivas editoras de livros jurídicos do país, condição que conquistou, em grande parte, pela sua ca-

pacidade de atrair bons autores e pelo cuidado com que se dedicava às edições.

Destacou-se, também, pelos textos literários, em especial aqueles em que tratava da cultura portuguesa, de que era um aficcionado; era um lusófilo, como gostava de dizer. Boa parte de seus artigos, ele os publicou no **Estado de Minas**, em que manteve coluna durante bom tempo. Por sua obra literária, chegou à titularidade na Academia Mineira de Letras, sendo o quinto ocupante da cadeira de número sete.

A riqueza do currículo do professor Ricardo Fiuza, todavia, não superava a sua lhane-

za de trato, sua fidalguia e sua generosidade no contato com as pessoas, conjunto que o transformou em uma unanimidade no Tribunal de Justiça, tanto junto aos magistrados quanto junto aos servidores, que viam nele um companheiro e jamais um superior, sempre dedicado a cumprir um só objetivo: tornar a aplicação da Justiça cada vez mais eficaz e célere.

Sua perda, como disse, é irreparável, e em homenagem a ele o que nos resta é continuar perseguindo esse objetivo que norteou toda a sua vida.



A riqueza do currículo do professor Ricardo Fiuza todavia, não superava a sua lhaneza de trato, sua fidalguia e sua generosidade

